



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TERMO "CULTURA POPULAR": UMA PROBLEMATIZAÇÃO DO CONCEITO

Ana Luíza Ferreira Coelho, Keila das Dores Alves, Jôse Augusta Barbosa dos Santos, Laura Aparecida Gomes Oliveira,
Lívia Rodrigues Canabrava, Adriana Duarte Borges Aquino

Introdução

Este trabalho tem como objetivo problematizar a definição de "cultura popular", que muitas vezes é tema de diversas pesquisas envolvendo manifestações ou hábitos de um determinado grupo em sua esfera cultural. Nessa pesquisa, aborda-se a questão do conceito "cultura popular" dentro do que é estudado nas pesquisas historiográficas. Para entender a complexidade do termo, é preciso analisar a questão sob a ótica de diversos autores, numa busca por delimitar as questões e contradições que envolvem o conceito.

Materiais e Métodos

O desenvolvimento desse trabalho se dá a partir de levantamento bibliográfico de historiadores de diversas correntes que já abordaram o tema em seus estudos, buscando preferencialmente trabalhos em que a "cultura popular" seja objeto de discussão. Optamos por exemplificar nos trabalhos desenvolvidos pelos autores escolhidos como cada um trabalhou de modos diferentes com objetos que podem ser englobados sobre o amplo conceito de "cultura popular". Por meio dessas diferentes abordagens, buscamos demonstrar que o conceito não possui uma única forma metodológica de ser trabalhada.

Resultados e Discussões

Ao analisar a historiografia intelectual e das mentalidades, Roger Chartier [2] pontua questões metodológicas e epistemológicas que hoje circundam as pesquisas em história social. Dentre um de seus recortes, o autor problematiza a metodologia tradicional de estudar distinções por meio de pares de oposição, tais como erudito/popular, criação/consumo, realidade/ficção e etc. Ele destaca que tais oposições eram costumeiramente usadas como base comum, sem que se problematizasse essas proposições dicotômicas, mas ele que estas categorias que até então estruturavam o campo de suas análises também eram produtos de divisões móveis e temporárias, sendo necessária uma reavaliação crítica daquilo que se aceitava sem maiores questionamentos.

O primeiro ponto de questionamento levantado por Chartier [2] diz respeito ao par erudito/popular. Para ele, a historiografia havia se dedicado principalmente à elite intelectual, não adentrando no pensamento popular. Fazendo um breve retrospecto de estudos nos Estados Unidos e França, ele encontra o recorte do objeto como um problema, não sendo fácil identificar um nível cultural ou intelectual que pertenceria ao popular a partir de um conjunto de objetos e práticas.

Por outro lado, o autor consegue reconhecer nesses objetos problematicamente identificados como "populares" um conjunto misto que reúne elementos de origens muito diversas. Feitas essas considerações, o historiador chega a conclusão: "Saber se deve ser chamado de popular o que é criado pelo povo ou então o que lhe é destinado é, pois, um falso problema. Importa, antes de tudo, a identificação da maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, cruzam-se em imbricam-se diferentes figuras culturais" [2] (p. 49)

Dentro dessa afirmação, Chartier [2] salienta que a própria cultura de elite é constituída em grande parte por elementos que não lhe são próprios, mas que são apropriados e reempregados. Assim, é a relação que se faz dos elementos e os usos aos quais são destinados que podem ser mais interessante numa pesquisa que pretenda investigar questões relacionadas à cultura popular e/ou erudita. Após fazer tais considerações, ele alerta que essa postura traz riscos metodológicos que podem ser amenizados de acordo com a documentação e, citando Ginzburg [4], com o faro do investigador.

O historiador italiano Carlo Ginzburg [4] inclusive é apontado pela metodologia empregada no livro *O queijo e os vermes*, onde o ele traça, a partir das respostas do moleiro friulano à Inquisição, possibilidade de leitura às quais o protagonista Menocchio teria tido acesso e especula a interpretação desses textos escritos de acordo com a cultura de tradição oral à qual Menocchio também estava submetido.

Em comum, tanto Chartier [2] como Ginzburg [4] citam estudo de Mikhail Bakhtin sobre a obra de Rabelais. No historiador italiano, a análise de Bakhtin lhe serve como um ponto de partida

Ao que tudo indica, Gargantua e Pantagruel, que talvez não tenham sido lidos por nenhum camponês, nos fazem compreender mais coisas sobre a cultura camponesa do que o Almanach des bergers, que devia circular amplamente pelos campos da França. No centro da cultura configurada por Bakhtin está o carnaval: mito e rito no qual confluem a



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

exaltação da fertilidade e da abundância, a inversão brincalhona de todos os valores e hierarquias constituídas, o sentido cósmico do fluir destruidor e regenerador do tempo. Segundo Bakhtin, essa visão de mundo, elaborada no correr dos séculos pela cultura popular, se contrapõe, sobretudo na Idade Média, ao dogmatismo e à seriedade da cultura das classes dominantes. Apenas levando-se em consideração essa diferença é que a obra de Rabelais se torna compreensível. A sua comicidade se liga indiretamente aos temas carnavalescos da cultura popular. Portanto, temos, por um lado, dicotomia cultural, mas, por outro, circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica, particularmente intenso na primeira metade do século XVI. [4] (p.19-20)

Se de um lado Bakhtin dá a Ginzburg [4] idéias e conceituação teórica, o italiano entende que apesar de se contemplar um grande estudo sobre a cultura popular na Idade Média através da obra de Rabelais, esta cultura só aparece por meio da mediação de um letrado da elite. Ginzburg [4] salienta as dificuldades de se ter acesso "direto" (vale destacar que a documentação já é um tipo de mediação) aos registros feitos pelo mundo popular. No entanto, ele desenvolve sua pesquisa por meio de dois longos processos movidos pela Inquisição contra o moleiro Menocchio, que possuía sua própria visão cosmogônica e explicações para diversas questões que envolviam a fé e a religião.

Um dos pontos em que Ginzburg [4] se baseia para este estudo é tido no caráter da classe sulbaterna em que Menocchio se encontra. Rejeitando a história das mentalidades, que estuda o que possui em comum entre "César e o último soldado de suas legiões", o historiador italiano afirma que uma análise de classes é melhor que uma interclassista, pois evita grandes generalizações e não se afirma uma cultura homogênea.

Se o modo de se conhecer a cultura popular já é uma grande discussão, tão grande quanto são as discussões sobre a própria definição de cultura. Edward Palmer Thompson [5] pontua que o termo "costume" foi empregado diversas vezes para denotar boa parte do que hoje se entende imbricado na palavra "cultura".

Para ele, o termo costume é operacional, pois se de um lado incorporava muitos dos sentidos que hoje são atribuídos à "cultura", de outro apresentava muitas afinidades com o direito consuetudinário. Este seria derivado dos costumes, que em certas circunstâncias eram decodificados e podiam ter força de lei. O historiador inglês atenta para o termo: "E na verdade o próprio termo "cultura", com sua invocação confortável de consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto. [5] (p. 17).

Entendendo boa parte da história social do século XVIII como uma série de confrontos entre uma economia de mercado inovadores e a economia moral da plebe, baseada no costume, Thompson [5] nos apresenta uma série de estudos nos quais se pode perceber tanto os valores pertinentes às classes trabalhadoras, permeadas pela tradição oral, quanto os conflitos existentes entre esses costumes e os novos valores oriundos da burguesia e do modo industrial capitalista em ascensão.

Outro historiador inglês, mas desta vez utilizando trabalhando sob o termo da história cultural, Peter Burke [1] aponta que já em 1952 um levantamento feito por Kroeber e Kluckholm já constava com mais de duzentas definições sobre o tema. Segundo ele, hoje em dia seria fácil reunir muito mais definições. Assim, ele questiona como podemos fazer história sobre algo sem identidade definida, mas reconhece que esse é um risco enfrentado por todos os historiadores e que se os historiadores quisessem evitar a atribuição anacrônica de intenções, interesses e valores aos mortos, não poderiam escrever a história contínua de nada.

Como Chartier [2], Burke [1] também não considera adequado a tentativa de distinções entre a cultura erudita e cultura popular.

Se quisermos evitar a atribuição anacrônica de nossas intenções, interesses e valores aos mortos, não podemos escrever a história contínua de nada. De um lado, enfrentamos o perigo da "intencionalidade do presente", e do outro corremos o risco de ficar de todo impossibilitado de escrever. Talvez haja um meio-termo, uma abordagem do passado que faça perguntas motivadas pelo presente, mas que se recuse a dar respostas motivadas pelo presente, que se relacione ao presente mas permita sua contínua reinterpretção; e que observe a importância das consequências involuntárias tanto na história da literatura histórica como na história dos acontecimentos políticos. [1] (p. 13-14)

Também influenciado por Bakhtin, ele pensa no sistema de circularidade cultural e desenvolve estudo em que busca descobrir o que o Renascimento italiano tem a dizer sobre a cultura popular italiana, e o que esta tem a dizer sobre o Renascimento.

Burke [1] reconhece como compreensível o fato de ambos os temas terem sido estudados de forma separada, umas

vez que há barreiras que dificultam a relação entre ambos. Em primeiro lugar, a língua. A maior parte da alta cultura se dava em latim, idioma que a população não estudava, e cada região se comunicava em seu dialeto. Aliás, o estudo e a alfabetização é apontado como uma segunda barreira, pois eram habilidades destinadas à uma minoria da população. Por fim, ele destaca a barreira econômica, que impedia as pessoas comuns de comprarem livros ou pinturas.

Contudo, Burke [1] acredita que essas barreiras podem ser superadas, trabalhando com a via de mão dupla. De um lado, a propagação de formas e ideias do Renascimento das elites para o povo, tendo sua difusão social, do outro, um movimento de "baixo para cima", em que pintores e escritores recorreram à herança cultural popular. Ele afirma que as elites européias no século XVI era "biculturais", pois tinham uma cultura erudita, da qual as pessoas comuns eram excluídas, mas também participavam do que hoje se entende por cultura popular. Tal qual Ginzburg[4], Burke [1] afirma a necessidade de estudos que se foquem na interação entre elementos eruditos e populares, o que chama de uma "viagem circular".

Se formos considerar a história cultural que não diferencie a cultura popular da cultura erudita, Robert Darnton [3] afirma ter tido essa intenção na obra *O Grande Massacre de Gatos*, onde a metodologia que permeia o estudo se dá com base na antropologia histórica, e a noção de leitura, seja de um ritual ou de uma cidade, é que conduz os estudos. O autor conta não ter feito a tradicional divisão por optar mostrar como os intelectuais e as pessoas comuns lidavam com o mesmo tipo de problema.

Na encenação de um grupo de operários durante uma massacre de gatos tido como hilário para os participantes, Darnton [3] identifica a risada rabelaisiana definida por Bakhtin, a expressão de uma tendência da cultura popular em que a hilariedade tumultuada podia transformar-se num motim, uma cultura carnavalesca de sexualidade e insubordinação na qual o elemento revolucionário podia estar contido em símbolos e metáforas, como é recheado o ritual do massacre de gatos promovido pelos operários.

Essa breve discussão até aqui buscou apontar diferentes visões tanto sobre a cultura popular como também os diferentes modos de se fazê-la. De concreto, temos apenas que o próprio conceito "cultura popular" é escorregadio e pode se referir a um número sem fim de definições e que não há um modelo ideal de se conduzir as pesquisas na área que, relembrando Chartier [1], dependerão do objeto, da documentação e do faro do investigador.

Conclusão

A pesquisa que pretende entender o universo da dita cultura popular deve focar-se não na delimitação precisa do que seria esta cultura popular, mas sim nos elementos que constituem a prática do objeto de estudo, relacionando tais práticas com o universo no qual o grupo estudado se encontra. Assim, é possível identificar tanto os pontos em que as manifestações culturais servem como ponto de integração de um grupo, mas também perceber as contradições sociais e culturais que podem estar inseridas nessa mesma prática. A metodologia para se estudar temas relacionados a cultura popular dependerão do objeto escolhido, da documentação disponível e do citado faro do investigador para a condução da pesquisa.

Referências

- [1] BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- [2] CHATIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- [3] DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódio da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- [4] GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- [5] THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.